

**O ENSINO DE LIBRAS COMO EXPERIÊNCIA  
FUNDAMENTAL PARA O DESIGN INCLUSIVO: PROJETO  
GRÁFICO DE MATERIAL COMPLEMENTAR PARA A  
ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE DE CRIANÇAS SURDAS**

*Libras teaching as a fundamental experience for  
inclusive design: graphic design of complementary  
material for the bilingual literacy of deaf children*

*La enseñanza en libras como experiencia fundamental para el  
diseño inclusivo: diseño gráfico de material complementario  
para la alfabetización bilingüe de niños sordos*

Germana G. de Araujo<sup>1</sup>

Raquel P. Lima<sup>2</sup>

---

1 Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA). Mestre em Desenho Cultura e Interatividade (UEFS). Graduada em Desenho Industrial (UFPB). Professora Efetiva da Universidade Federal de Sergipe (UFS) vinculada ao Curso de Graduação em Design Gráfico do Departamento de Artes Visuais e Design (DAVD-UFS) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8079-9259>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5486386468044529>

2 Mestra em Letras Língua Portuguesa (UFS). Especialista em Libras (FANESE). Graduada em Língua Portuguesa (UFRN) e Libras (UFS). Professora na Universidade Federal de Sergipe (UFS) lotada no Departamento de Libras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7438-8165>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8588439169496123>

## RESUMO

No início do século XXI, o ensino de Libras se tornou obrigatório para os cursos de licenciatura nas universidades públicas e particulares no Brasil. Uma medida necessária para diminuir a desigualdade social entre pessoas com surdez e ouvintes. Já para um curso que forma bacharéis em Design Gráfico, a disciplina de Libras tem status de optativa, embora também forneça ao estudante subsídios relevantes para o desenvolvimento de projetos que visam tornar o mundo mais inclusivo. É o caso dos dois TCC em Design que este artigo apresenta. Por intermédio de pesquisa qualitativa de natureza exploratória e de caráter aplicado, os estudantes desenvolveram produtos editoriais para crianças surdas com o intuito de ampliar as possibilidades de acesso à informação. Em ambos os trabalhos, a metodologia do Design Participativo orientou os procedimentos de coleta e interpretação de dados. As pesquisas resultaram em um livro infantil ilustrado bilíngue sobre as festas juninas locais e em um material didático complementar para a alfabetização bilíngue de crianças com surdez.

**Palavras-chaves:** Design editorial inclusivo; Crianças surdas; Ensino de Libras.

### **Abstract**

*At the beginning of 21st century, Brazilian Sign Language (LIBRAS) became a mandatory subject for teacher training courses at public and private universities in Brazil. A necessary measure to reduce social inequality between deaf and hearing people. While it is optative for a Graphic Design bachelor degree, the subject of LIBRAS also provides the student with relevant subsidies for the development of projects that aim to make the world more inclusive. This is true for the two Design graduation works that this article presents. By means of an applied exploratory qualitative research, the students developed editorial products for deaf children, in order to expand the possibilities of access to information. In both works, Participatory Design methodology guided data collection and interpretation procedures. The researches resulted in a bilingual illustrated children's book about the local June festivities and complementary didactic material for the bilingual literacy of children with deafness.*

**Keywords:** Inclusive editorial design; Deaf children; LIBRAS teaching.

## **Resumen**

*A principios del siglo XXI, la enseñanza del lenguaje brasileño de señas (LIBRAS) se volvió obligatoria para los cursos de formación docente en universidades públicas y privadas de Brasil. Una medida necesaria para reducir la desigualdad social entre sordos y oyentes. Si a la carrera de grado en Diseño Gráfico la asignatura de LIBRAS tiene carácter optativo, aun así también proporciona al alumno las correspondientes subvenciones para el desarrollo de proyectos que apunten a hacer un mundo más inclusivo. Este es el caso de los dos proyectos finales de curso en Diseño que presenta este artículo. A través de una investigación cualitativa de carácter exploratorio y aplicado, los estudiantes desarrollaron productos editoriales para niños sordos con el objetivo de ampliar las posibilidades de acceso a la información. En ambos trabajos, la metodología del Diseño Participativo orientó los procedimientos de recolección e interpretación de datos. Las investigaciones resultaron en un libro infantil bilingüe ilustrado sobre las fiestas juninas locales y en material didáctico complementario para la alfabetización bilingüe de niños con sordera.*

**Palabras clave:** Diseño editorial inclusivo; Niños sordos; Enseñanza de LIBRAS.

## 1 INTRODUÇÃO

As reflexões dos designers Ken Garland e Victor Papanek nas décadas de 1960 e 1970 foram fundamentais para se pensar uma atuação profissional em Design não subjugada à mecânica capitalista, mesmo sem desabilitar totalmente as conexões com o mercado. Eles propõem modos de pensar e fazer Design para um mundo complexo e se colocam na contramão de um contexto que amplifica as desigualdades ao priorizar os padrões de consumo no desenho das coisas. Convictos, ambos acreditam na capacidade do designer de projetar mudanças na vida social e também alertam para o perigo de uma atuação afastada de questionamentos pertinentes à sociedade, o que pode intensificar problemas sociais preexistentes ou, no pior dos casos, gerar novos problemas sociais (RODRIGUES, 2019).

Se, por um lado, a ótica desses designers<sup>3</sup> — principalmente sua crítica aos métodos que ignoram a realidade das pessoas que vão usar o objeto projetado — é tratada por vários autores e pode ser acessada em diversas publicações; por outro, trabalhar dentro de determinadas perspectivas sociais, considerando por exemplo as pessoas com algum tipo de deficiência, ainda exige esforço do designer, que, normalmente, precisará lidar com dados ainda não interpretados. É o caso de projetos em Design Gráfico de produtos de interação visual para pessoas com surdez, embora estas, *a priori*, pareçam não ter especificidades, já que não têm, necessariamente, problemas com a acuidade visual.

Entretanto, esse público tem sim necessidade de adaptações. Numa sociedade composta por diferentes tipos de pessoas, com e sem deficiência, que convivem e interagem, algumas delas precisam de adaptações arquitetônicas, como as que têm mobilidade reduzida; outras necessitam de adaptações em relação à língua falada no país, sendo essa a situação das pessoas com surdez.

No Brasil, os surdos utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em suas comunidades e em diferentes setores da sociedade desde antes de sua homologação pela Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que deu visibilidade à língua, já que tornou obrigatório seu uso e sua difusão em todo o país (BRASIL, 2002). A lei possibilitou diversas ações políticas e educacionais em todo o território nacional, inclusive a criação de escolas e institutos especializados.

A oferta de Libras na formação de professores e fonoaudiólogos é mencionada na referida norma, mas a obrigatoriedade ficava a critério de cada instituição, a partir das

---

<sup>3</sup> Em 1963, o designer gráfico britânico Ken Garland escreveu o manifesto *First things first*, assinado por cerca de 400 designers e artistas da época. No texto, ele critica a indústria de propaganda e sugere novas maneiras de atuação para o profissional em Design. Victor Papanek (1976), no livro *Design for the real world*, constrói uma crítica radical ao designer que, em vez de projetar para as necessidades reais das pessoas, concentra-se na satisfação de seus desejos de consumo (RODRIGUES, 2019).

diretrizes que regulamentam o currículo dos cursos de formação de professores. Assim, para que a comunicação da comunidade surda se tornasse conhecida de maneira mais ampla na sociedade, o Decreto 5.626/05 tornou Libras uma disciplina obrigatória nas licenciaturas em universidades federais e privadas, bem como no curso de Fonoaudiologia (BRASIL, 2005). Para os demais cursos universitários, a matéria segue com o status de optativa.

Cada universidade foi adaptando seus currículos para atender à exigência federal. Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), a ementa da disciplina de Libras, ministrada por professores lotados no Departamento de Letras Libras (DELI) e ofertada para diferentes cursos da instituição, inclui conteúdo de introdução à língua e também a história da educação de surdos no Brasil<sup>4</sup>.

Para os cursos de graduação em Design, que formam bacharéis, Libras pode ser uma das disciplinas eletivas<sup>5</sup> cursadas pelos alunos. Na maioria da vezes, é assim que um aluno de Design tem o primeiro contato com esse modo de comunicação, que não é impresso nem digital, mas sim visual, ou seja, precisa principalmente da visualidade para concretizar a interação. Além disso, os estudantes podem conhecer aspectos da cultura e da identidade surdas, assim como questões sociais pertinentes.

A disciplina de Libras tem impactado positivamente o curso de Design Gráfico da UFS. A partir das discussões e conhecimentos adquiridos, os alunos se sentem motivados a se envolver com produções voltadas à interação social de pessoas com surdez, desde projetos de extensão universitária e pesquisa acadêmica até o desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Diante disso, este artigo traz uma reflexão sobre o diálogo possível do Design com a comunidade surda, considerando dois TCC de Design da UFS. Os discentes desenvolveram dois produtos editoriais com foco na educação e interação sociocultural de crianças com surdez. Para além da pesquisa bibliográfica, os trabalhos exigiram a imersão dos alunos na comunidade surda, com intuito de gerar informações e explorar um universo que difere do habitual desses estudantes.

Como resultado, os objetos editoriais evidenciaram que a visualidade da linguagem corpórea da Libras pode ser fundamento essencial para o campo do Design Gráfico, principalmente quando o profissional busca atuar em prol do desenvolvimento humano de pessoas com surdez, expandindo seu papel social na comunidade.

Este artigo inicia com a contextualização acerca da educação e da alfabetização de crianças com surdez. Na sequência, discorre-se sobre as metodologias utilizadas

---

4 A ementa inclui os seguintes tópicos: políticas de educação para surdos; conhecimentos introdutórios sobre a Libras; aspectos diferenciais entre a Libras e a língua oral (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, c2009-2023).

5 Desde o segundo semestre de 2017, essa disciplina está sendo ofertada pelo DELI, sendo obrigatória para todos os cursos de licenciatura e para Fonoaudiologia e optativa para cursos de bacharelado da UFS.

para a compreensão da Libras associada a outras linguagens, passo fundamental para a produção em Design Editorial inclusivo com foco na interação social de surdos. Por fim, os produtos dos TCC são apresentados a partir de uma compreensão crítica, com a finalidade de analisar o impacto social da atuação do profissional da área.

## **2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS NO BRASIL**

Surdez ou deficiência auditiva são termos que designam a perda total ou parcial da audição de uma pessoa. Essa condição pode ser congênita ou adquirida por doença, lesão ou desgaste por conta da idade. Segundo o Decreto 5.626/02, é considerada pessoa com deficiência auditiva aquela que tem perda superior a 40 decibéis, independentemente de ser parcial ou bilateral. As pessoas com essa especificidade interagem com o mundo por meio da visualidade, tanto na comunicação e na educação quanto nas expressões artísticas. Em 2019, constatou-se que no Brasil existiam cerca de 10,7 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência auditiva, sendo em 9% dos casos congênita (INSTITUTO LOCOMOTIVA, 2019).

Concordarmos com a pedagoga Gleiziany de Souza (2016, p. 9), para quem “é preciso resgatar um pouco da trajetória histórica dos surdos para podermos compreender as lutas que reconfiguram as diretrizes existentes visando a formação e o respeito à identidade, cultura e garantias de direito”.

As identidades surdas são bastante diferentes. Existem, por exemplo, os surdos que são filhos de pais surdos, os que não têm nenhum contato com surdos, os que nasceram na cidade e os que nasceram no campo, os que frequentam a escola, os que não tiveram contato com a Libras desde a infância, os que não se aceitam ou não se reconhecem como surdos, entre outros. Corroborando Heloísa Salles et al. (2004), a identidade surda não é estável e está em contínua mudança, portanto, não é uma identidade homogênea. Há que se respeitar as diferentes identidades.

Nessa perspectiva, a educação de pessoas com surdez não é uma tarefa fácil. São muitas variáveis a se considerar, o que torna complexa a realidade de uma sala de aula com alunos surdos. As crianças têm níveis linguísticos diferentes ou mesmo chegam à escola sem ter adquirido sua língua materna. Como consequência, é preciso lidar com diferentes níveis de aprendizagem, além de idades distintas, o que difere de uma sala comum de ouvintes.

No Brasil, o francês Harnest Huet, professor e surdo, a convite de D. Pedro II, fundou, no final de 1857, a primeira escola para pessoas com surdez, o Imperial Instituto

dos Surdos-Mudos<sup>6</sup>, no Rio de Janeiro. A escola aplicava métodos franceses e, por isso, a referência para a alfabetização das crianças surdas era a Língua de Sinais Francesa (PRIMEIRA..., 2019). Atualmente, essa escola recebe o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Um fato importante que prejudicou a história da educação de surdos no Brasil foi a proibição mundial da alfabetização nas línguas de sinais pelo Congresso de Milão, realizado de 6 a 11 de setembro de 1880. Vários países tiveram que estancar a educação em língua de sinais e adotar exclusivamente o método oralizado (HISTÓRIA..., 2019). No Brasil, apesar do prejuízo, a Libras se manteve em uso, passando a ser a língua informal da comunidade surda, funcionando ainda como uma forma de tirar a pessoa surda do isolamento social.

Para o avanço na educação dessa comunidade, foi imprescindível a quebra de paradigma, pois até “a década de 60 no ensino para os alunos surdos vigorou o método chamado ‘oralismo puro’<sup>7</sup>, que se viu ultrapassado por uma nova estratégia de ensino” (SOUZA, 2019). A imposição do oralismo tinha o propósito de interferir na aceitação social das pessoas surdas, já que elas passariam a conviver com o mundo dos ouvintes sem dificuldades. Entretanto,

[...] só se conseguiu deixar a maior parte desses sujeitos à margem de uma possibilidade educativa, de desenvolvimento e integração social bem como a identificação cultural, transformando-os em ouvintistas, provocando em meio a essas pontuadas consequências, o afastamento de todos os profissionais surdos do meio escolar (SOUZA, 2016, p. 12).

Somente nos anos 1990 é que a educação bilíngue — Libras e Língua Portuguesa — passou a ser vista como essencial para o efetivo exercício da cidadania pelos surdos no Brasil. O bilinguismo é uma concepção de educação que respeita as características de aprendizagem dos sujeitos surdos, “[...] além de ser apresentada como possibilidade à inclusão efetiva do surdo e garantia ao respeito a sua cultura e identidade” (SOUZA, 2016, p. 13). Nesse método, a língua de instrução e comunicação é a língua materna, ou seja, a língua de sinais, já a Língua Portuguesa é ensinada na modalidade escrita.

A educação de concepção oralista afetou todos os alunos com deficiência auditiva. No estado de Sergipe não foi diferente. Contudo, com a difusão do bilinguismo, a educação

<sup>6</sup> Atualmente, não se designa o sujeito surdo com o termo surdo-mudo. O vocábulo já foi bastante utilizado, mas hoje em dia compreende-se de que as pessoas surdas não desenvolveram a fala naturalmente por não ouvirem. Inclusive, alguns surdos que optam pelo acompanhamento fonoaudiológico são oralizados: conseguem desenvolver a fala e fazer leitura labial.

<sup>7</sup> Esse método visa utilizar a Língua Portuguesa oral e escrita como única forma de comunicação nos espaços educacionais e sociais. Souza (2016, p. 11) explicita que “segundo essa metodologia somente a língua oral deveria ser utilizada na educação do surdo, os obrigando a esquecer da linguagem com as mãos e passando a usar apenas a linguagem oral, estendendo-se essa proibição às instituições escolares”.

foi se modificando. O Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo de Sergipe (IPAESE) foi fundado em 27 de dezembro de 2000 por um grupo de pais de crianças com surdez. É a primeira escola especializada na educação de crianças e adolescentes surdos e única escola bilíngue do estado e da Região Nordeste que contempla toda a educação básica. Os pais sentiram a necessidade de criar esse espaço devido à inadequação das metodologias disponíveis às especificidades de ensino-aprendizagem de seus filhos. Atualmente, os surdos sergipanos têm a oportunidade de estudar em uma instituição que respeita suas características linguísticas e sociais, além de terem o privilégio de conviver com surdos (colegas de sala) e de terem representatividade ao ver surdos adultos atuando no mercado de trabalho dentro da escola. Essa instituição já foi abordada algumas vezes pelos alunos de Design Gráfico da UFS e tem se mostrado sempre acolhedora, colaborando sem restrições no desenvolvimento dos produtos propostos.

### **3 METODOLOGIA PARTICIPATIVA: CONHECENDO A LIBRAS E OUTRAS LINGUAGENS ASSOCIADAS POR PROCESSOS COLABORATIVOS**

Ambos os trabalhos aqui apresentados foram pautados por pesquisa de tipo qualitativa com procedimentos de abordagem exploratória. Como descreve Robert K. Yin (2016), existem muitas modelações metodológicas — ou mosaicos, nas palavras do autor — para uma pesquisa qualitativa. Entre as variações possíveis, os discentes escolheram trabalhar sob a concepção do Design Participativo, por compreenderem, desde o início, a complexidade da relação da comunidade surda com os processos educacionais disponíveis para ela.

O processo de pesquisa para os TCC demandou compreender quais linguagens podem ser associadas à Libras para a construção de informação inteligível para pessoas com surdez. Para isso, de maneira colaborativa, buscou-se informações sobre como as pessoas surdas se comunicam cotidianamente e os elementos que poderiam gerar significados em uma narrativa elaborada para elas.

De fato, as primeiras evidências aos alunos sobre a possibilidade de a Libras ser associada a processos narrativos para ampliar a experiência de crianças surdas com determinado conteúdo vieram do contato na academia com a língua. Percebeu-se que apenas imprimir um texto com uma fonte em Libras (figura 1) pode não ser suficiente para gerar o significado pretendido, pois a língua de sinais requer do emissor não apenas conhecer a estrutura linguística formada por signos dotados de significado — palavras em sinais ou soletradas —, mas também saber sobre o movimento corpóreo que, associado ao sinal, constrói o sentido. A expressão facial e do corpo são importantes no processo de comunicação com ou entre pessoas surdas.



Figura 1 – Exemplo de fonte que usa o sinal da Libras em desenho

A/a	B/b	C/c	D/d	E/e	F/f	G/g	H/h	I/i	J/j
K/k	L/l	M/m	N/n	O/o	P/p	Q/q	R/r	S/s	T/t
U/u	V/v	W/w	X/x	Y/y	Z/z	Ç/ç			o
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Fonte: Os autores, a partir da fonte Libras 2020 (PEREIRA, 2020)

As informações obtidas através do contato com a comunidade surda dentro e fora do ambiente escolar foram fundamentais para o desenvolvimento dos trabalhos, que contaram com a participação ativa de crianças e adultos com surdez, bem como de educadoras que trabalham em escolas especializadas ou inclusivas. Conhecer e observar o ambiente escolar, entrevistar educadores e outros adultos surdos, além de propor atividades lúdicas para dialogar com as crianças, permitiu obter informações claras para os projetos editoriais, a partir da triangulação de dados obtidos em múltiplas fontes de pesquisa.

Seguindo as etapas do Design Participativo segundo a abordagem de José Guilherme de Santa Rosa e Anamaria de Moraes (2012), os TCC envolveram três estágios, descritos de maneira sintetizada no gráfico 1.

No primeiro TCC analisado (TCC1), a pesquisa sobre linguagens apropriadas a uma narrativa para crianças surdas foi principalmente pautada pela orientação de adultos surdos, que expuseram suas dificuldades e predileções quanto à literatura infantil disponível no mercado em uma conversa semiestruturada presencial auxiliada por dois intérpretes (quadro 1).

Gráfico 1 – Etapas do Design Participativo e síntese das atividades desenvolvidas nos TCC

	<b>3</b>	<b>Prototipação.</b> Modelagem interativa do artefato. Geralmente os protótipos são feitos várias vezes até que o artefato esteja de acordo com as necessidades e objetivos acordados.	<p><b>TCC1</b> – Prototipação do livro ilustrado sobre a festa do São João para crianças com surdez.</p> <p><b>TCC2</b> – Prototipação do material didático complementar para a alfabetização bilíngue de crianças surdas</p>	
	<b>2</b>	<b>Descoberta.</b> A interação entre designers e outros participantes acontece com mais intensidade para definir os objetivos do projeto (a entrega). Aqui se utilizam técnicas de geração de ideias (storyboard, brainstorming, jogos etc.)	<p><b>TCC1</b> – Entrevista semiestruturada com adultos da comunidade surda para compreender as especificidades da linguagem visual apropriada.</p> <p><b>TCC2</b> – Dinâmica com crianças surdas para definição de características de personagens que possam efetivamente representar as crianças participantes do projeto</p>	
	<b>1</b>	<b>Exploração e Familiarização.</b> Envolvem o exame das tarefas e do ambiente, bem como o uso de tecnologias por meio de técnicas de observação, entrevista, visitas técnicas e artefatos	<p><b>TCC1</b> – Entrevista estruturada com educadores do ensino de base numa escola mista.</p> <p><b>TCC2</b> – Entrevista estruturada com educadores do ensino de base numa escola especializada</p>	

Fonte: As autoras, com base em Santa Rosa e Moraes (2012)

Quadro 1 – Adultos surdos colaboradores do TCC1

COLABORADOR(A)	EVIDÊNCIAS
<p><b>Colaborador A</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Homem, branco, na faixa dos 30 anos.</li> <li>- Empresário do ramo alimentício.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dificuldade de lidar com os livros disponíveis e de encontrar livros adaptados para a criança surda.</li> <li>- Relatou que as próprias crianças surdas, principalmente na escola, colavam papéis com o nome do objeto escrito em português sobre as páginas dos livros infantis.</li> <li>- Histórias em quadrinhos são bastante lidas pelas crianças surdas maiores, porque, apesar da complexidade do enredo, têm o forte apelo da imagem, com expressões humanas muito reais.</li> <li>- Por estarem o tempo todo lidando de maneira concreta com a realidade, crianças com surdez têm dificuldade de usar a imaginação para criar algo inusitado.</li> </ul>

COLABORADOR(A)	EVIDÊNCIAS
<p><b>Colaboradora B</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mulher, parda, na faixa dos 30 anos.</li> <li>- Designer e fotógrafa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sugeriu a editora Arara Azul, que publica livros acessíveis por conterem histórias escritas com palavras simples em português.</li> <li>- Dificuldade de lidar com os desenhos animados atuais, com personagens cada vez mais abstratos e papéis distorcidos em relação à vida real. Bichos que falam e personagens que falam com algumas distorções são questões, entre outras, que precisam ser explicadas para que as pessoas surdas entendam tratar-se de uma representação ficcional da realidade.</li> </ul>
<p><b>Colaboradora C</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mulher, branca, na faixa dos 30 anos.</li> <li>- Designer.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importância do uso do português, em textos curtos, associado à imagem, para o entendimento dos conteúdos. Por isso, o ensino bilíngue é necessário.</li> </ul>
<p><b>Colaboradora D</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mulher, branca, na faixa dos 30 anos.</li> <li>- Designer</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Citou como uma boa referência os desenhos do canal do YouTube “Diário de Fiorella” e os livros criados por surdos disponíveis no perfil do Instagram de @ramonlucas028.</li> </ul>

Fonte: Entrevista cedida pelos colaboradores em 24 mar. 2022.

As informações obtidas auxiliaram os estudantes a tomarem decisões para o livro que estava sendo projetado.

O segundo TCC analisado (TCC2) foca no desenvolvimento de um projeto de conteúdo didático para a alfabetização bilíngue de crianças com surdez. Chegou-se às evidências de linguagem visual apropriadas com a colaboração de pessoas no IPAESE. A participação das crianças com surdez pode ser considerada do “tipo forte” (SANTA ROSA; MORAES, 2012), já que elas foram inseridas em todo o processo de concepção e desenvolvimento do projeto, exercendo influência direta na configuração dos desenhos de personagens.

Na concepção do Design Participativo, as pessoas que utilizarão o objeto em desenvolvimento atuam como uma espécie de coprojetistas, tendo papel ativo e alto envolvimento no projeto. Dessa maneira, opera-se o estudo do conhecimento tácito desenvolvido pelos participantes a partir de suas vivências de imersão. Trata-se de um conhecimento difícil de ser descrito ou formalizado, mas que oferece à confecção do trabalho proposto bases que não estão no repertório do criador do material (designer).

Dessa maneira, os produtos resultantes das pesquisas aqui descritas foram projetados de modo compartilhado com o público-alvo, resultando em objetos capazes de fazer sentido para o usuário. O livro *Ao redor da fogueira* (TCC1) e o material de apoio pedagógico *Mãos que falam* (TCC2) podem ser usados efetivamente pelos interessados sem necessidade de adaptação para sua identidade e cultura.

## 4 RESULTADO E DISCUSSÕES



A proposta do TCC1 foi desenvolver um livro infantil sobre o São João, tema selecionado pelo intuito de relacionar aspectos da cultura de Sergipe com a cultura surda. A festa junina foi escolhida por ser a mais relevante na região: envolve festança em todos os municípios e, durante todo o mês de junho, é vivenciada intensamente até nas práticas socioculturais do dia a dia, pois as comidas típicas e vestimentas aparecem no cotidiano das casas e instituições, extrapolando os lugares destinados às festas. A queima da fogueira na véspera dos dias de São João e Santo Antônio, acontecimento que tradicionalmente reúne familiares e amigos, foi o ponto específico selecionado para a narrativa do livro intitulado *Ao redor da fogueira*.

A festa junina é um evento cultural bastante sonoro; contém músicas e danças tradicionais, como o forró e o xaxado, misturados com os sons da fogueira e dos fogos. Foi um desafio tornar inteligível para a criança com surdez o efeito dos sons de uma festa junina, como descrevem Joyce Félix e Vinícius de Assis (2022, p. 51):

Pensamos em desenvolver um livro que retrate o máximo de experiências sensoriais dos festejos juninos para as crianças surdas e inclusive possa trazer memórias afetivas para os adultos. Buscamos utilizar elementos presentes nessa época, o cheiro e gosto das comidas típicas, a fumaça da fogueira e dos fogos, o ambiente e roupas coloridas, a dança e sensações sentidas nessa época.

Segundo Félix e Assis (2022), para a configuração do conteúdo do livro, foram pensadas e utilizadas duas possibilidades de relação entre a ilustração e as palavras e sinais da Libras: paralela e complementar (quadro 2).

Quadro 2 – Duas relações entre imagem e palavra

	<p>Palavra Imagem</p>	<p>Na perspectiva do ouvinte, a palavra é o símbolo, em geral arbitrário, que representa o objeto. Na perspectiva do surdo, não é diferente, já que os sinais da Libras também têm características arbitrárias.</p>
 <p>Paralela</p> <p>Imagem Palavra</p> <p>Complementar</p>		<p>O texto escrito pode completar o significado da ilustração e vice-versa, deixando algo em aberto para ser preenchido pela imaginação. Pensando nessa relação, utilizou-se também a escrita em Libras signwriting para complementar a ilustração, assim como foi feito com a Língua Portuguesa.</p>

Fonte: Félix e Assis (2022)

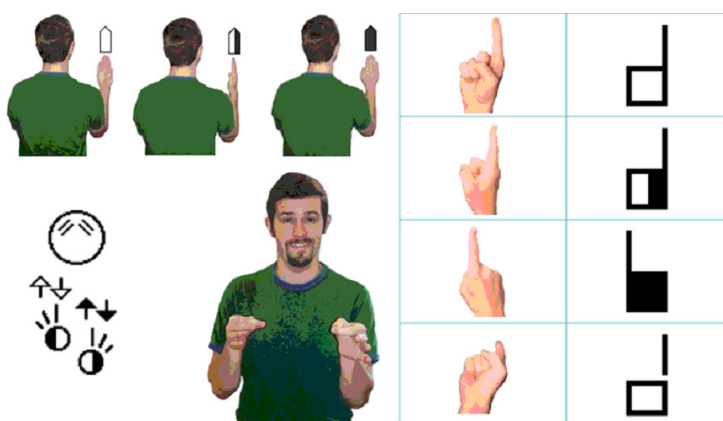
A relação paralela entre a imagem e a palavra em português e entre a imagem e o sinal de Libras pode auxiliar o surdo bilíngue a identificar significados, já que os sinais linguísticos servem de suporte para a ilustração. Já na relação complementar, nem o texto escrito, nem as ilustrações geram o sentido separadamente, pois a junção dos dois é importante para a construção da mensagem.

A relação paralela entre a imagem e a palavra em português e entre a imagem e o sinal de Libras pode auxiliar o surdo bilíngue a identificar significados, já que os sinais linguísticos servem de suporte para a ilustração. Já na relação complementar, nem o texto escrito, nem as ilustrações geram o sentido separadamente, pois a junção dos dois é importante para a construção da mensagem.

A relevância do uso de mais de uma linguagem no livro reside na necessidade de se gerar autonomia para as crianças com surdez a partir do aprendizado proposto: “crianças que prolongam uma fase pré-linguística pela não exposição à língua não têm voz própria para lutar pelas vontades, ficando reféns de outras pessoas, familiares e profissionais, como intérpretes de Libras ou fonoaudiólogos” (FÉLIX; ASSIS, 2022, p. 58).

Assim, após a finalização da escrita da história, optou-se por colocar o texto em português juntamente com o sistema de escrita *signwriting*<sup>8</sup> como uma maneira de trazer a Libras na modalidade escrita para um livro ilustrado, tornando-o bilíngue. A escrita em *signwriting* permite que o surdo leia e escreva a partir de códigos que remetem às articulações das mãos e a outros movimentos corpóreos utilizados nas línguas de sinais — posição das mãos, rotações, posição dos dedos, movimentos da boca e dos olhos, movimento da cabeça e dos ombros etc. (figura 2).

Figura 2 – Escrita de sinais *signwriting*



Fonte: Frost (2018)

<sup>8</sup> Criado a partir de um sistema de códigos desenvolvido pela professora de balé Valerie Sutton para registrar a dança para seus alunos, o DanceWriting. Em 1974, esse sistema começou a ser adaptado para a língua de sinais e passou por outras adaptações desde então. A escrita em signwriting foi padronizada com o envolvimento de vários linguistas e se tornou pública, sendo o mais conhecido sistema de notação das línguas de sinais.

Esse sistema, considerado complexo, é adaptável à comunicação em Libras, mas ainda é pouco utilizado, principalmente em objetos comercializados. No entanto, foi aplicado no livro a fim de ampliar os processos de significação das crianças surdas.

O *signwriting* na maioria dos casos é feito na vertical, o que interferiu no formato do livro. Assim, tendo em vista um bom aproveitamento do papel e menor custo de produção, o formato (fechado) de página escolhido foi de 12 cm x 18 cm. Para uma interação mais lúdica da criança com o livro, pensou-se numa estrutura de concertina ou sanfona — uma tira de papel que, por meio de dobras alternadas, constitui as páginas. Foram projetadas, ainda, algumas janelas por clichê de corte. Após essas decisões, foi confeccionado artesanalmente um boneco branco (sem impressão) para avaliação da estrutura (figura 3).

Figura 3 – Exemplo de livro tipo concertina (ou sanfonado) e *mock up* do livro *Ao redor da fogueira*



Fonte: Félix e Assis (2022)

As ilustrações foram feitas manualmente com aquarela, utilizando uma paleta de cores vibrantes, e depois finalizadas com o software Adobe Photoshop (figura 4).

Figura 4 – Rascunho e aquarela da página do livro *Ao redor da fogueira*



Fonte: Félix e Assis (2022)

A técnica de pintura em aquarela foi escolhida por permitir uma aparência mais orgânica, dinâmica e fluida ao desenho, adequando-se à visualidade dos elementos presentes no livro, como o fogo, a fumaça e a chuva.

No TCC2, a proposta foi desenvolver um material complementar para a alfabetização bilíngue de crianças com surdez. Por ser um material didático, os elementos para composição do conteúdo deveriam ser inteligíveis para o público leitor em questão. As autoras, Bruna da Costa e Catarina Paes, recorreram, numa primeira instância da pesquisa, à literatura especializada para compreender que:

Ao aplicar o material didático para crianças surdas em processo de aquisição de linguagem, é necessário se atentar a sua forma de aprendizagem, levando em consideração, além de todo contexto pedagógico, a visualidade, pois, como já relatado, os surdos são indivíduos que dependem da comunicação visual (SLOMSKI, 2012 apud COSTA; PAES, 2023).

Em um livro didático para crianças com surdez, é necessário oferecer muitos recursos visuais que tratem sobre a realidade de maneira representacional — representação da realidade em experiência visual básica e predominante (DONDIS, 2003) —, como fotos, diagramas e ilustrações. Além disso, um instrumento de ensino bilíngue para crianças surdas deve envolver o uso direto da Libras e o texto escrito em Língua Portuguesa, ambas as línguas complementando as imagens de objetos, pessoas e ambientes.

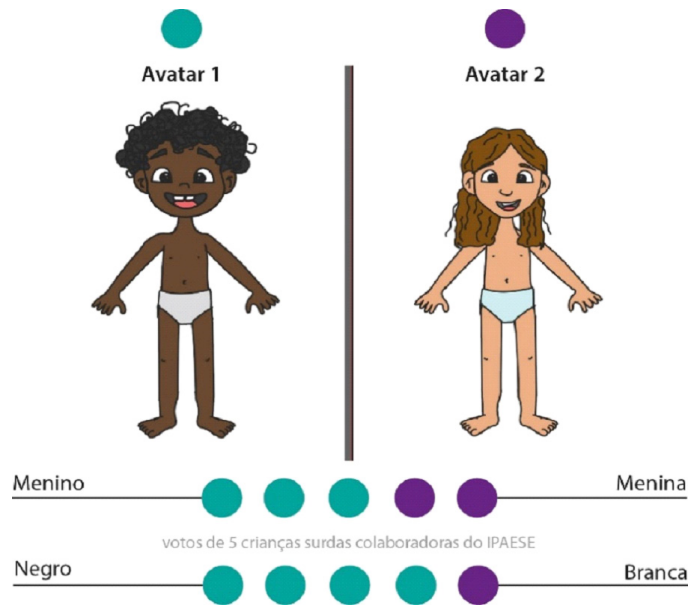
No processo de pesquisa, as estudantes também acessaram o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) instituído pelo Ministério da Educação, para conhecer os critérios para livros didáticos utilizados nas escolas públicas do Brasil. Um formato aprovado pelo PNLD para o ensino de crianças com surdez é um material adaptado que acompanha um DVD com a tradução do conteúdo em Libras. Entretanto, o material apresenta alguns aspectos que desfavorecem a aprendizagem, tais como: (a) a interface visual consiste em caixas de vídeos com a tradução sinalizada dos textos a cada frase, o que gera uma fragmentação na recepção do conteúdo, não sendo possível ao aluno surdo fazer uma leitura contínua; (b) a capa do livro não apresenta uma tradução em Libras para apresentar o contexto da publicação; e (c) presença forte da oralização. Fica evidente que o material foi gerado para surdos e não por surdos (BONATTI; FLORES, 2017, p. 12 apud COSTA; PAES 2023, p. 27).

Dessa forma, demonstra-se mais uma vez a relevância da metodologia do Design Participativo na obtenção de informações diretamente relacionadas ao contexto de uso do objeto projetado. A colaboração de educadoras e crianças sobre os elementos pertinentes à composição do material didático complementar (TCC2) ocorreu nas visitas das autoras ao IPAESE, em Aracaju (SE). Foram vários encontros de imersão que oportunizaram o diálogo (entrevista semiestruturada) com a coordenadora do instituto e as professoras, bem como a dinâmica realizada com as crianças surdas da turma do 2º ano, com idades de seis a oito anos. Todas as visitas foram mediadas pela intérprete que também coorientou o TCC, Raquel P. Lima.

Na dinâmica com as crianças, foram apresentadas possibilidades de escolha para a composição dos personagens: dois avatares/personagens e alternativas de vestimentas. As crianças fizeram a escolha do avatar por voto aberto (figura 5).



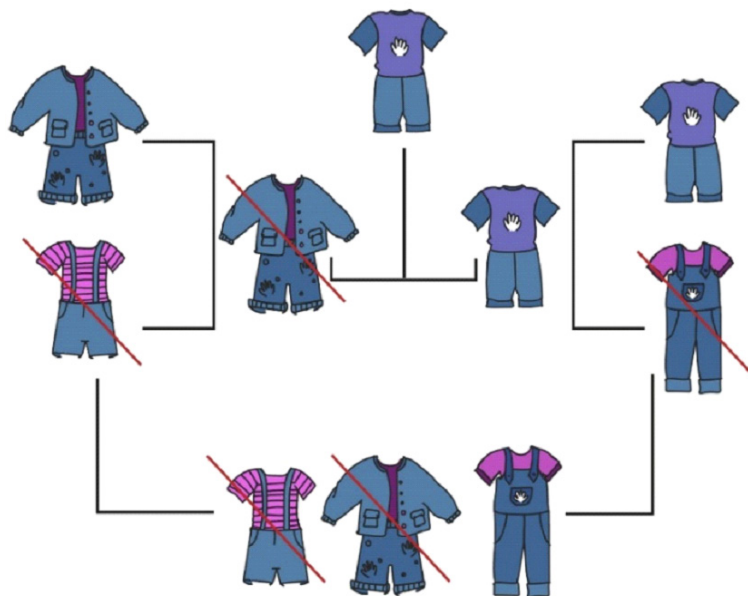
Figura 5 – Desenhos utilizados na dinâmica com as crianças surdas



Fonte: Costa e Paes (2023)

A decisão sobre as roupas e acessórios foi feita por esquema de chave (figura 6).

Figura 6 – Esquema de chave para decisão da roupa do avatar selecionado

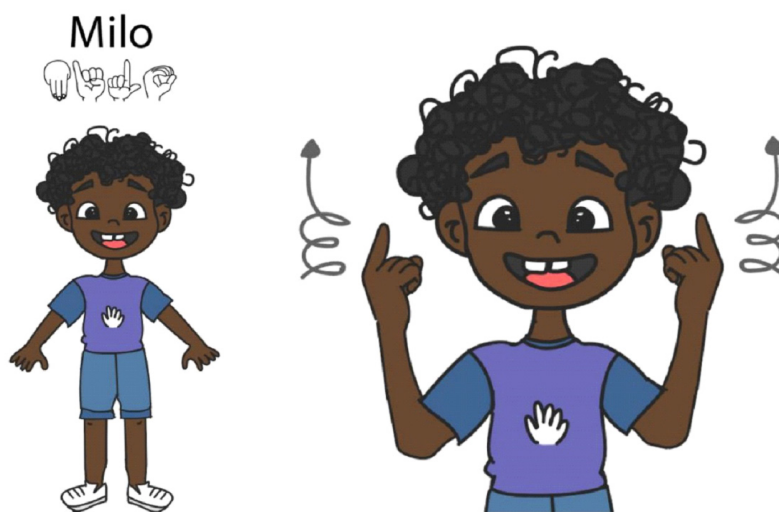


Fonte: Costa e Paes (2023)

Para a decisão do nome da personagem, foram propostas duas opções de nomes curtos, mais fáceis de memorizar. O resultado da dinâmica foi surpreendente, pois a turma, composta na maioria por meninas, escolheu o avatar Milo, um menino negro. Depois

da escolha do nome, uma professora surda do IPAESE criou um sinal para representá-lo (figura 7).

Figura 7 – À esquerda, nome do personagem em português e na fonte Libras 2019 regular. À direita, o avatar Milo fazendo o seu sinal



Fonte: Costa e Paes (2023)

Durante as visitas, também verificou-se o material utilizado pelas professoras para a alfabetização bilíngue das crianças. As docentes não utilizam livro didático e constroem o material em *software* de editoração para imprimir em impressora de uso doméstico. As páginas, encadernadas por espiral ou avulsas, às vezes pensadas para serem coladas nos cadernos, não têm unidade na configuração gráfica, e as imagens são extraídas da Internet. Letras e textos em português são utilizados juntamente com a fonte Libras e desenhos/ilustrações. Há, notadamente, um esforço das educadoras em adaptar o conteúdo, entretanto elas mesmas sentem falta de material pronto apropriado para mais bem auxiliá-las em sala de aula.

Diante do que foi constatado em pesquisa e considerando a realidade específica do IPAESE, propôs-se um material complementar, intitulado *Mãos que falam*, no formato de fascículos/cadernos, para trabalhar temas específicos da realidade cotidiana do personagem Milo. A sugestão é evidenciar a diversidade da identidade surda.

Para os fins do TCC2, o tema escolhido foi “Milo vai à escola”, para apresentar tanto os objetos do entorno quanto as práticas culturais de uma criança: acordar, vestir-se, arrumar o material, tomar café da manhã e ir para a escola (figura 8). Esse primeiro caderno foi projetado para ser impresso na própria escola em folhas A4. Em cada caderno, novos temas podem ser abordados, possibilitando, a partir das histórias de Milo, a apresentação dos objetos, dos amigos e de pessoas de sua família.

Uma reflexão importante relacionada aos TCC aqui analisados é que, no século XXI, o Design — não mais atrelado unicamente aos processos de expansão capitalista —

passa a tratar de maneira multidimensional a informação que norteia o projeto. Contudo, devido à velocidade de circulação das informações na atualidade, o profissional tende a aderir às chamadas metodologias ágeis (ciclos pré-estabelecidos e multiplicidade de ferramentas), deixando as concepções metodológicas interpretativas (imersão e diálogo) para casos particulares.

Figura 8 – Páginas do material didático complementar proposto

Fonte: Costa e Paes (2023)

Ainda assim, deve-se ter em vista que a abordagem metodológica define um percurso de atividades inseparável do resultado. Ou seja, a escolha dos procedimentos de pesquisa e projetuais tem relação direta com as características do resultado pretendido. Por essa razão, ressalta-se que, em ambos os TCC, o estudo imersivo foi realizado em contextos específicos; por isso, os resultados obtidos foram de extrema relevância, mas não podem ser generalizados.

Além disso, compreende-se que projetar para pequenos grupos não desmerece o trabalho do designer. Pelo contrário, os projetos de TCC legitimam que os saberes do Design podem, de fato, no lugar de atender à massa, atrelar-se ao desenvolvimento de pessoas inseridas em comunidades, sem deixar de considerar a complexidade de lidar com a ampla diversidade e com aspectos da contemporaneidade mesmo em contextos locais.

É interessante mencionar como os ciclos pré-estabelecidos e as ferramentas de metodologias ágeis geram, em alguma medida, resultados satisfatórios para o designer que impõe o tempo como uma variável condicionante. Entretanto, as abordagens ágeis podem atropelar questões relevantes para o projeto que somente geram resultados plausíveis com a experiência imersiva e a colaboração de participantes.

Sobre isso, pode-se mencionar uma ideia pensada durante a projeção do livro do TCC1. Para a construção lúdica da narrativa, cogitou-se o uso de desenhos de sombras projetadas pelas mãos, uma brincadeira comum da infância. Entretanto, em se tratando de crianças surdas, principalmente as que já estão alfabetizadas em Libras, o gesto com as mãos já está carregado de significados. Além disso, poderia reforçar o estereótipo de que a Libras é uma espécie de mímica. O que não se confirma, pois, apesar de existirem sinais icônicos que representam objetos, existem também sinais que não utilizam as mãos ou que precisam de outros parâmetros corpóreos para gerar significado. Nesse caso, o contato com a comunidade surda foi importante para dar outra direção na construção do conteúdo.

Outra reflexão necessária refere-se aos procedimentos metodológicos para definir as personagens no TCC2. A ferramenta aplicada em sala de aula no IPAESE foi importante para envolver as crianças no processo de escolha, mas a dinâmica poderia ter sido mais orgânica e aberta. No lugar de apresentar alternativas para serem escolhidas, seria possível dar espaço para que as próprias crianças elaborassem o desenho. Isso porque, embora caiba ao designer reunir uma série de conhecimentos técnicos para materializar ideias em objetos, também os indivíduos devem ter o poder de influenciar as decisões que os afetam (SANTA ROSA; MORAES, 2012). Preza-se, assim, por uma abordagem do “design com o usuário”<sup>9</sup> — e não “para o usuário” —, na qual as decisões não

---

9 O próprio termo “usuário” pode ser problematizado, pois remete a alguém observado enquanto faz uso de algum objeto, muitas vezes deslocado de seu contexto sociocultural. Essa classificação de pessoas como “usuários” é bastante comum no campo de Design, principalmente na atualidade, quando áreas como UX Design, que opera com a experiência do usuário ou *user experience*, estão em alta no mercado de trabalho de produção de interfaces visuais (para *sites*, aplicativos, *games* etc.).

são hierarquizadas e nem autoritárias, mesmo que as definições técnicas não fiquem nas mãos das pessoas colaboradoras. Com isso em mente, os próximos fascículos do material didático poderão ser elaboradas com novas abordagens para a concepção de personagens e contextos culturais, considerando, inclusive, uma diversidade de situações, como: crianças que moram com os avós ou somente com um dos pais; filhos ou filhas de casais homoafetivos etc.

## 5 CONCLUSÃO

O ensino de Libras na formação de professores é fundamental para uma política que assegure educação de modo igualitário para todas as pessoas, como prevê a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988). Contribui para formar educadores mais inclusivos e alinhados com pautas sociais obrigatórias na realidade contemporânea.

Nessa perspectiva, também prevendo o alinhamento da universidade com as necessidades sociais, torna-se relevante considerar a contribuição do ensino de Libras em outros contextos acadêmicos. Para a formação do profissional em Design, a experiência acadêmica com Libras e com pessoas da comunidade surda é de extrema importância ao propiciar a projeção de instrumentos informacionais que possam impactar na formação social de pessoas com surdez. Esse tipo de envolvimento profissional, mesmo que ainda na etapa de formação, permite ao designer exercer o papel de “designer cidadão” (MARGOLIN, 2006). No lugar de participar de projetos que priorizam a troca econômica, o profissional se envolve com questões capazes de auxiliá-lo a construir um conjunto de referências (ou valores de referências) que possa gerar as evidências de um mundo melhor, com menos desigualdades sociais e disparidades econômicas.

Vale ainda reforçar que em ambos os TCC a colaboração das instituições de ensino e a participação das pessoas com surdez foram fundamentais para que os produtos em Design Editorial pudessem ser desenvolvidos. As duas publicações, ainda que elaboradas com propósitos diferentes, tiveram a mesma pretensão de ampliar a experiência sociocultural de crianças surdas em seu cotidiano. Por isso, o tema específico tratado, tanto no livro produzido no TCC 1 quanto no material didático do TCC 2, deve ser reelaborado a qualquer tempo, inserindo a cada nova elaboração outros conteúdos. Na perspectiva de gerar mais produtos a partir de outros temas, os designers envolvidos devem buscar novas situações de imersão que propiciem a interação com pessoas surdas.

Por fim, qualquer profissional, independentemente da sua área de atuação, ao optar por aprender Libras, não está apenas adicionando mais um idioma ao seu currículo. Acima disso, ele está sendo um agente transformador na sociedade em relação às questões das comunidades surdas. Poder prestar um atendimento na língua de sinais — durante

uma consulta médica ou numa assessoria com advogados, engenheiros; numa interação com porteiros em edifícios, na escola, entre outras situações — é dar visibilidade a pessoas que por muitos anos ficaram à margem da sociedade, em isolamento linguístico, sem oportunidade de nomear e interagir com o mundo e com os demais, em sua comunidade e fora dela.

Não se pode perder de vista, também, que, mesmo em tempos de intensificação dos debates humanistas nas universidades federais, tomar o partido de projetar objetos inclusivos é ainda um movimento opcional para os designers em formação. Por isso, o ensino de Libras tem sido tão relevante.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Revisado por Emanuelle Alves Adacheski, mestra em Estudos da Linguagem (UEPG/2017) e especialista em Revisão de Textos (PUC Minas/2022). E-mail: emanuelle2as@hotmail.com.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 15 jun. 2023.

COSTA, B. R.; PAES, C. A. **Design de material didático complementar para o auxílio da alfabetização de crianças surdas**. Orientadora: Germana Gonçalves de Araujo. Coorientadora: Raquel P. Lima. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design Gráfico) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FÉLIX, J. S.; ASSIS, V. P. **A voz do desenho**: produção de livro ilustrado para crianças surdas. Orientadora: Germana Gonçalves de Araujo. Coorientadora: Raquel P. Lima. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design Gráfico) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

FROST, Adam. **Exemplos da escrita em SignWriting com base em padrões da palma de mão e dedos**. 26 ago. 2018. 1 fotomontagem. Citado por Almir Cristiano. Disponível em: [https://www.libras.com.br/ct\\_\\_images/artigos/signwriting/exemplos-de-sinais-escritos-em-signwriting.png](https://www.libras.com.br/ct__images/artigos/signwriting/exemplos-de-sinais-escritos-em-signwriting.png). Acesso em: 21 jun. 2023.

HISTÓRIA da Libras: saiba como surgiu a Língua Brasileira de Sinais. **Academia de Libras**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://academiadelibras.com/libras/historia-da-libras/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. **Raio-X da surdez no Brasil**. São Paulo, set. 2019. Dis-



ponível em: [https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/wp-content/uploads/sites/189/2019/09/RaioXSurdez\\_InstitutoLocomotiva\\_30setembro2019\\_blogVencerLimites.pdf](https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/wp-content/uploads/sites/189/2019/09/RaioXSurdez_InstitutoLocomotiva_30setembro2019_blogVencerLimites.pdf). Acesso em: 1 ago. 2023.

MARGOLIN, V. O Designer Cidadão. **Revista Design em Foco**, [s. l.], v. III, n. 2, jul./dez., p. 145-150, 2006.

PEREIRA, A. **Libras 2020**. 2020. Fonte tipográfica. Disponível em: [https://www.dafont.com/font-comment.php?file=libras\\_2020](https://www.dafont.com/font-comment.php?file=libras_2020). Acesso em: 1 jun. 2023.

PRIMEIRA escola de surdos no Brasil 1857 (INES). **Academia de Libras**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://academiadelibras.com/blog/primeira-escola-de-surdos-no-brasil-1857/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

RODRIGUES, V. A. **Design no âmbito social da contemporaneidade**: discurso, política e engajamento. Orientador: Luís Américo Silva Bonfim. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design Gráfico) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC/SEESP, 2005. v. 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lpvol1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022

SANTA ROSA, J. G.; MORAES, A. M. **Design Participativo**: técnicas para a inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012.

SOUZA, E. L. Educação inclusiva: os desafios das crianças surdas no processo de alfabetização. **Monografias Brasil Escola**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/educacao-inclusiva-os-desafios-das-criancas-surdas-no-processo-alfabetizacao.htm>. Acesso em 2 jun. 2023.

SOUZA, G. F. **Processo de alfabetização bilingue para surdos**: garantindo direitos, efetivando a educação. 2014. Orientadora: Aluska Peres Araújo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Resumo do componente curricular (Língua Brasileira de Sinais – Libras). **Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas**. São Cristóvão, SE, c2009-2023. Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/componentes.jsf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniel Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016.

**Data de Submissão: 22/06/2023**

**Data de aceite: 22/08/2023**

**Data de publicação: 01/10/2023**

